

Primeiramente: FORA TEMER!

Dito isso, boa noite prezados funcionários terceirizados e servidores aqui presentes. Cumprimento aqueles e aquelas que estão na fileira dos homenageados e todos os que ajudaram e ajudam a tornar possível esta cerimônia de outorga de grau e que geralmente não seriam devidamente agradecidos e cumprimentados. Boa noite cara professora Patrona e caro professor Paraninfo. Professores representantes do Instituto de ciências Sociais aqui presentes, boa noite. Vossa Magnificência sr. Reitor e demais representantes da reitoria, boa noite. Saúdo a todas e todos e agradeço a vossa presença, pontuando que, sem ela, nossa noite estaria incompleta.

Este discurso é em homenagem a Maria Izabel Brito das Chagas, que faleceu há um mês e que, infelizmente, não pôde estar presente fisicamente prestigiando esse momento tão importante ao lado dos familiares de nossa querida colega Thaiza Brito. É também uma homenagem a todos os familiares que partiram e não puderam presenciar esta cerimônia, assim como nosso querido e competente professor Dr. Brasilmar Ferreira Nunes que partiu em abril deste ano nos deixando grande saudosismo e valiosíssimas contribuições para as ciências sociais.

Sinto-me honrado em representar os formandos do curso de ciências sociais em todas as suas habilitações. Sinto-me honrado também em estar diante de todos os familiares, amigos e professores aqui presentes que hoje prestigiam um dos momentos mais importantes de nossas vidas e de nossas formações, quando finalmente teremos o título de conclusão do ensino superior. Este momento é, certamente, de grande emoção, não apenas para nós que agora obteremos a outorga de grau, mas também para aqueles que, em nós, tanta fé depositaram e tantos esforços empreenderam desde o início de nossas graduações.

O discurso que proferirei agora não tem como objetivo saudar apenas as glórias romantizadas de nossas noites sem dormir, dedicadas aos estudos, trabalhos, provas e atividades. Essa esfera não será deixada de lado, mas devo adiantar que este discurso é também político. E é político desde a escolha daquele ou daquela que deveria vir aqui, diante de todos vocês para representar esta turma de formandos.

Provavelmente, muitos de vocês, familiares e amigos aqui presentes, se perguntaram ao longo destes quatro, cinco, seis anos ou mais de graduação, e talvez até agora estejam se perguntando, o que raios essas criaturas querem estudando ciências sociais.

“Sociologia, antropologia pra quê? Tem mercado de trabalho?”.

Um de nossos exercícios é estarmos atentos às realidades sociais e buscar, o máximo quanto possível apreender os detalhes delas, suas relações, suas causas e seus efeitos para aqueles e aquelas que as compõem. Durante nossa graduação aprendemos, minimamente, a perceber e a reconhecer as imbricações e os entrelaçamentos de diferentes categorias, fatos e expressões nas esferas da vida social nas mais diferentes e complexas sociedades e sociabilidades. Dito isso, a única resposta que posso dar, com caráter simples e direto aos questionamentos de vocês sobre nosso curso é que nós, cientistas sociais, antropólogos e sociólogos **fazemos perguntas**. Questionamos e analisamos sociedades e sociabilidades.

É exatamente por isso que digo que hoje este discurso é político desde a escolha daquele que deveria representar os formandos e falar diante dos presentes: porque questionamos quem deveria estar aqui. É político no sentido de que muito se pensou quem deveria lhes falar na noite de hoje: quais as trajetórias dessa pessoa, de que contexto ele ou ela viria, e quais as marcas e questões que traz em seu corpo, em seu ser?

Quantas vezes vocês viram um estudante negro e de periferia discursar neste centro comunitário?

Certamente não muitas. Deveria ser muito mais, no mínimo a metade dos discursos de formatura e de colações de grau das universidades deste país deveriam ser entoados por estudantes pretos e pardos. Por estudantes pobres, por filhos da classe trabalhadora que movimentou e reconstrói esse país dia após dia. Infelizmente não acontece ainda, mas vai acontecer, as coisas vão mudar, e a mudança já começou.

Hoje quem vos fala e que veio representar os estudantes de ciências sociais sou eu, um dos Santos como tantos outros. Filho da classe trabalhadora. Filho orgulhoso do motorista de ônibus e filho da mulher gari mais forte e que mais admirei em toda a vida. Sou também o filho da faxineira, filho da “tia da cantina”, o filho da empregada doméstica, a filha do

zelador, do porteiro, do engraxate e do feirante. O filho de todos aqueles que nunca foram devidamente homenageados nas cerimônias desta universidade. Hoje é em nome de todas as pessoas destas profissões que brindaremos e que levantaremos o canudo com o diploma. É em nome destes e destas que os aplausos serão dirigidos e que os sorrisos celebrarão na noite de hoje. Nós, filhos de Dandara e de Zumbi dos Palmares, reclamamos o que deveria ser nosso por direito e que historicamente nos vem sendo negado. Hoje à noite quando a casa grande brindar, quem estará em festa será o quilombo. O verdadeiro brinde virá do quarto da empregada, orgulhosamente falando!

As felicitações hoje vão para o povo brasileiro, o povo da nossa sociedade que é realmente o povo! Povo negligenciado. Povo cuja história não é contada e que, pior ainda, é apagada em nome do Brasil que se mostra lá fora, o país que cresce e que deixa para trás seus filhos subnutridos. Mesmo que em nossas caras sejam construídos muros olímpicos coloridos, separando o Brasil com Z – que quer se projetar lá fora – do Brasil nosso, de nosso quintal, nós, caros formandos e todos os presentes, devemos e deveremos nos lembrar do Brasil e da sociedade brasileira que se faz esquecer, e que se faz esquecida.

Podemos começar nos lembrando de nossas comunidades indígenas, inclusive dos colegas indígenas que estão na Universidade. Hoje tenho orgulho de estar me formando ao lado de Josimo Constant, primeiro antropólogo formado pelo Instituto de Ciências Sociais da UnB, da etnia PUYANAWA, oriundo do município de Mâncio Lima no Acre. Recentemente aprovado no mestrado em Direitos Humanos num programa de pós-graduação também da Universidade de Brasília, Josimo e os demais estudantes indígenas da UnB resistem aqui à tamanha invisibilização de sua presença. Sua resistência na universidade deve ser comparada à resistência de todos os povos indígenas que lutam por sua sobrevivência e pela sobrevivência de suas terras frente ao avanço do agronegócio que dizima as populações das florestas. Em nome do progresso, do capital e do desenvolvimento de propriedades fundiárias, as terras indígenas têm sido invadidas, povos exterminados, línguas perdidas, assim como condições miseráveis têm sido perpetradas às populações que, por vezes, recorrem ao suicídio diante de tamanha barbárie.

Não nos esqueçamos dos Puyanawa, nem dos Guarani Kaiowá, nem dos YANOMAMI, não nos esqueçamos dos povos deste país em toda a sua diversidade.

Não sejamos, caros colegas, o país que esquece e apaga sua história e seu povo. Não sejamos a “família tradicional” que se esquece das populações de mulheres e homens transexuais, de travestis, lésbicas, bissexuais, gays e de todas as outras destoantes das normatividades de sexualidade e de gênero, mortas anualmente. São muitas Verônicas, espancadas, humilhadas e expostas a situações degradantes de sua condição de humanidade que não serão esquecidas.

É preciso e é muito importante que se reconheça o espaço e as lutas de todos os colegas que aqui estão sentados a minha direita e a minha esquerda, e que hoje completam uma importante fase de suas vidas, conseguem seus diplomas de ensino superior e o fazem muito bem, numa das melhores universidades do país, e a 9º melhor universidade da América Latina. É preciso sim reconhecer todo o esforço e tudo o que fizemos até hoje para chegar aqui. Quantas resenhas, quantas provas, quantos trabalhos, quantas leituras, quilos de xerox, dias de almoço e janta no RU, de 110, quantas noites viradas.

Apenas não digam que todos nós chegamos aqui sozinhos. Ou que fizemos tudo isso por esforço próprio. Nossa presença e permanência na Universidade não são conquistas somente individuais. São conquistas coletivas. Ao dizer isso não queremos diminuir o esforço daqueles que vem das melhores e maiores escolas do DF, queremos antes ressaltar todo o caminho dificultoso que foi percorrido por quem não veio do mesmo lugar, por quem não teve as mesmas oportunidades e que está aqui hoje às custas de muito esforço e de muita resistência. Por tanto, colegas das Escolas Classes, dos centros de ensino médio, dos centros educacionais de Planaltina, Sobradinho, Paranoá, São Sebastião, Santa Maria, Gama, Taguatina, Ceilândia, Estrutural, Sol Nascente, Ocidental, Aguas Lindas e de todas as regiões administrativas do DF e do entorno, aquele abraço de resistência e fortalecimento!

Na vida fora das Asas Sul e Norte o que importa é com quem você pode contar e em quem confiar. E foram muitos corres, muitas Marias, muitas Joanas, Neides, muitas Franciscas e muitos Josés trabalhando, se apoiando e segurando as barras da vida juntos para que chegássemos aqui. É fora das asas do Plano que se tem que voar muito. É preciso voar alto para sobreviver.

Periferia. Nossa presença e permanência aqui têm sido marcadas pela resistência, nossa, de nossas famílias e comunidades. Há gerações nós resistimos e resistiremos a uma realidade fundamentada em hierarquias raciais, de gênero e de classe que minam constantemente nossos potenciais e que tentam abafar nossas vozes.

Não se deve falar em mérito quando as linhas de partida são diferentes e no meio da corrida há tantos atropelos. Não foram raras as vezes em que nos deparamos com competições desleais e em que duvidamos se este era realmente um espaço para o qual estávamos aptos a ocupar. Claramente nem todos nós somos vistos como aptos ou apropriados para este modelo de Universidade.

Uma das primeiras coisas que ouvi de um conhecido, quando decidi prestar o vestibular e o PAS em 2011 para Ciências Sociais na UnB foi “UnB não é lugar pra qualquer um não”. Devo concordar. Tem que ter muita fibra pra aguentar isso, principalmente num sistema em que a maioria dirá que você não pertence a esse lugar se você é pobre, se você é preto e se você for de escola pública. E que vença o melhor, que vença quem conseguir se sustentar aqui entre trabalho e estágio. Se conseguir, faça matérias à noite além da jornada do dia de aulas e após o expediente no estágio. Para chegar às satélites, torça para ter ônibus, até 23:40min, no Eixo. Levanta a cabeça e vai caminhando. Se você for mulher, cole com suas ancestrais ou com tudo aquilo que te der a mínima sensação de segurança e encare a jornada.

Hoje, o que faço aqui ao proferir este discurso construído ao lado de meus colegas não é “vitimismo”, como alguns gostariam de apontar. Antes de tudo queremos ressaltar, dar visibilidade e cobrar por grupos, populações e sujeitos que histórica e socialmente têm sido marginalizados, sobre os quais não se fala e para os quais delegam-se os lugares mais baixos, esperando que eles lá permaneçam.

Este é, de fato, um discurso político porque aproveita deste espaço privilegiado, numa data solene, numa das melhores universidades do país para dar um recado: Nós estivemos aqui, e perseveraremos nas pós-graduações, no governo, nas políticas públicas, nas consultorias, nas salas de aula e onde quer que nossos planos nos levem. E este discurso ecoará junto de nossos corpos.

No início de minha fala disse que somos estudantes questionadores. O que fazemos aqui ao construir este discurso é exatamente isso, questionar privilégios de classe, etnia-raça, gênero e tudo aquilo que puder ser usado para nos dividir e nos hierarquizar.

Questionamos porque, afinal, são os questionamentos que movem os grilhões da história e do desenvolvimento, não as respostas. Se pararmos nas respostas, estagnados estaremos, se perseverarmos nos questionamentos nos moveremos e não nos acomodaremos no que for mais prático!

Começamos olhando para a nossa sociedade e praticando o exercício de estranhar e de criticar, nos empenhando para melhorar essa realidade, para que mais irmãos e irmãs negros, negras e periféricas entrem cada vez mais e ocupem estes lugares tanto na plateia, quanto nas cadeiras de formandos e na mesa solene ao lado de nossos professores.

Que façamos ciências sociais comprometidas com os interesses científicos e, principalmente, com o povo brasileiro. Mas com o povo brasileiro em toda a sua pluralidade e diversidade. E que os diálogos que abrimos hoje continuem fervilhando de questionamentos que atuem de forma ética, honesta e justa com todos aqueles que há séculos são silenciados. E por último, que as “Ciências Sociais voltem a ser perigosas”.

Muito obrigado.

Miguel Antonio dos Santos Filho

Formando bacharelado em antropologia - orador da turma 1/2016.